

A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE PARA A EDUCAÇÃO BILÍNGUE INFANTIL: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Gabriela Alencar Maruyama UFMA)³¹

Resumo:

Embora a procura por escolas bilíngues de educação infantil venha aumentando em São Luís/MA, ainda são poucos os estudos voltados para a formação dos profissionais que atuam nessa área, assim como aqueles que têm foco na construção de um ambiente que favoreça esse processo de educação bilíngue. Objetivamos, no presente estudo, esclarecer o ensino/aprendizagem de segunda língua para crianças na primeira infância, com base nas ideias de Krashen (1985) para a sala de aula. Fundamentamo-nos também nos conceitos de língua materna (MUES, 1970), segunda língua (BALBONI, 1995), assim como na teoria de Lenneberg (1967) sobre o período crítico da aprendizagem infantil e na diferenciação entre segunda língua e língua estrangeira estabelecida por Ellis (1986). Nessa pesquisa bibliográfica, descritivo-exploratória, propomos um guia que facilite a elaboração e uso de estratégias adequadas a essa faixa etária (primeira infância), considerados os conceitos de língua, bilinguismo e aquisição. Temos a expectativa de que os resultados alcançados contribuam para um melhor aproveitamento no ensino/aprendizagem na sala de aula bilíngue, por parte tanto dos professores quanto dos alunos, colaborando para a criação de um ambiente bilíngue e trabalhando tanto o desenvolvimento linguístico quanto aquelas áreas de desenvolvimento infantil previstas no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.

Palavra-chave:

Bilinguismo, Educação Infantil, Ensino/aprendizagem de línguas, Modelo Monitor

Introdução

Há uma grande preocupação dos pais em preparar os filhos para o futuro e é fácil notar o grande interesse desses pais em que seus filhos aprendam a Língua Inglesa. Seja por seu peso político no mundo, seja por sua grande relevância na área científica, acadêmica, econômica e industrial, ou seja, pela era tecnológica e globalizada na qual predomina o Inglês, independente do porquê, o que vemos claramente é um aumento da procura de escolas bilíngues ou cursos de inglês para crianças na primeira infância.

Diante dessa realidade, torna-se, então, necessário um estudo a respeito da Educação Infantil Bilíngue, dado que são poucos os estudos, principalmente em língua portuguesa, que se propõem fazer uma análise das teorias, relacionando-as a Educação Infantil e com foco nos termos e conceitos associados ao assunto.

³¹ Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: maruyama.gabi@gmail.com. Orientadora: Profa. Dra. Monica Fontenelle Carneiro (UFMA). Professora Adjunto do Programa de Pós Graduação em Letras (PGLTRAS) do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão, Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: monicafcarneiro@gmail.com.

Esta pesquisa tem, portanto, o objetivo principal é contribuir para um melhor aproveitamento no ensino/aprendizagem para o professor de educação bilíngue e para os pais interessados nessa forma de ensino um melhor entendimento sobre o tema. Esperamos que este trabalho guie e beneficie o educador através dos conceitos aqui analisados, direcionando o profissional e ajudando com os conceitos e termos, e também ajude aos pais a entenderem melhor como acontece todo o processo de internalização de uma Segunda Língua.

Fundamentação teórica

Quando falamos sobre a internalização de uma nova língua é preciso definir alguns termos como língua materna (L1), segunda língua ou língua adicional (L2/LA) e língua estrangeira (LE), uma vez que tais definições vão, também, nos ajudar a entender os processos que se dão na internalização de uma língua que podem ser de aprendizagem ou aquisição. Com foco na educação infantil bilíngue, debateremos a cerca das definições de bilinguismo apresentadas por diversos autores, como Bloomfield, Macnamara e Harms e Blanc, para em seguida chegarmos na educação bilíngue, na qual trabalharemos a perspectiva dos autores Fishman e Lovas, e dos autores Harms e Blanc. E finalizando a fundamentação teórica, apresentaremos o modelo monitor de Krashen, no qual ancoramos nossa pesquisa.

O conceito de língua materna é um tanto óbvio e descrito pela maioria dos autores de forma simples e direta. A descrição que será utilizada nessa pesquisa será a de MUES (1970 apud SPINASSÉ, 2006) no livro *Sprach: Was ist das* (Língua: O que é isso.). O autor defende que a língua materna é a primeira língua que cada indivíduo aprende e, em decorrência disso, é a base de sua formação como ser humano. Segundo esse conceito, é preciso considerar dois importantes aspectos: a concepção de “Primeira Língua” justapondo-se ao fator identitário da pessoa.

A aquisição da língua materna dá-se de forma subconsciente e intuitiva no que concerne aos princípios gramaticais. Sabe-se que a aquisição da L1 é parte integrante na formação do indivíduo, pois é, a partir da competência linguística que são adquiridos os valores pessoais e sociais. A comunicação é vital para qualquer ser humano e a L1 manifesta-se de forma natural, envolvendo não apenas os aspectos linguísticos, mas também a identificação da pessoa com a sua língua materna. Muitas vezes aprendida por meio dos pais, a língua materna é também aquela falada na comunidade e aquela do dia-a-dia, porém, isso não é necessariamente uma regra.

Para definir a segunda língua ou língua adicional, será usado um dos conceitos dados por Balboni (1995). Para ele, existem dois conceitos para “segunda língua”. Um dos conceitos citados por ele é o de que a segunda língua é toda língua adquirida pelo indivíduo que não seja a sua primeira língua ou língua materna. Nesse caso, não há distinção entre segunda língua e língua estrangeira, qualquer língua adquirida ou aprendida quando o indivíduo já possui domínio da L1, é considerada L2.

O outro conceito defendido por Balboni, e o que será base da pesquisa, é o de que a segunda língua se dá quando o processo de ensino e aprendizagem acontece em um contexto no qual a língua a ser adquirida é usada como a língua de comunicação cotidiana. Desta forma, há uma diferenciação entre a segunda língua e a língua estrangeira, já que essa é ensinada em um contexto no qual ela não exista, a não ser na escola, ou de forma ocasional em alguns meios na mídia.

A diferenciação entre L2 e LE é de grande importância para analisarmos os métodos de ensino e aprendizagem, uma vez que este trabalho se propõe a analisar estratégias de ensino/aprendizagem da língua Inglesa como segunda língua em escolas bilíngues. É preciso entender que a aquisição da L2 acontece quando o indivíduo já domina em parte ou totalmente a (s) sua (s) L1, ou seja, ele está em um estágio avançado da L1, já se comunica bem e domina por completo uma ou mais competências linguísticas.

Para definir melhor essa diferenciação entre L1 e L2, levaremos em conta o Período Crítico, teoria defendida por Lenneberg (1967). O termo Período Crítico tem sua origem na biologia, pois estudos feitos por Eubank e Greg (1999, p. 71) mostram que existem fenômenos que só acontecem em função de algum tipo de estímulo em um período biologicamente pré-determinado, muito bem delineado, e previsível. Quando usamos esse termo na linguística, não estamos falando de um período tão bem delimitado, pois Lennenberg defende que existe um espaço de tempo, no qual a aquisição ocorre de forma mais fácil e eficaz. Quanto mais cedo a criança entra em contato com uma língua, mais chances ela tem de adquirir tal língua como língua materna e, quanto mais tarde o indivíduo é apresentado a uma nova língua, mais demorado será o processo de aprendizagem, já que, muitas vezes, a língua não se torna natural, sendo, assim, considerada uma língua estrangeira.

Outra diferenciação importante para entendermos os processos de aquisição da língua é o de língua estrangeira e língua adicional. O processo de aprendizagem de língua estrangeira não se estabelece num contato tão grande e intenso com a língua, não tem função de comunicação diária, não é fundamental para a interação do indivíduo na comunidade em

termos sociais. O contato com a língua estrangeira geralmente ocorre somente nas aulas, dessa forma, o indivíduo não adquire a língua, e sim, aprende-a, nos moldes de uma matéria escolar. Ellis (1986 e 1994) defende que a diferenciação de língua adicional e língua estrangeira não está ligada à psicolinguística, mas sim à sociolinguística. Segundo Ellis (1986,1994), o processo de aquisição da LA ocorre quando a língua exerce um papel institucional e social na comunidade, enquanto a LE acontece em contexto no qual não exerce papel importante na comunidade e é primeiramente aprendida em sala de aula. A competência linguística da LA é maior por conta da *performance* exigida pelo “meio”, já o aprendiz de LE não é submetido a essa provação diária.

Consideradas tais definições de língua e as suas diferentes formas de aquisição, é possível chegar a uma definição de bilinguismo. Existem dois campos de definição para o que é ser bilíngue, um unidimensional e um multidimensional. Nessa pesquisa iremos nos ater ao âmbito multidimensional do bilinguismo.

O autor Mackey (2000), seguindo o pensamento multidimensional acerca do bilinguismo, analisa que para chegar a definição do que é ser bilíngue devem-se atentar para quatro questões:

- **Proficiência:** é preciso analisar o conhecimento do indivíduo sobre as línguas, o qual não precisa ser equivalente em todos os níveis linguísticos. Por exemplo, o indivíduo pode ter vasto vocabulário nas duas línguas, porém ter a pronuncia deficiente em uma delas.

- **Função e o uso das línguas:** as situações, nas quais o indivíduo faz uso das duas línguas, também devem ser objeto de estudo ao conceituar o bilinguismo.

- **Alternância de código:** deve ser estudado como e com qual frequência e condições o indivíduo alterna de uma língua para outra.

- **Influência:** como uma língua influencia a outra e como uma interfere na outra. Fenômeno este conhecido por interferência.

É preciso levar em conta questões que vão além da língua, e é exatamente isso que Harnes e Blanc (2000) fazem ao enfatizar que o “bilinguismo é um fenômeno complexo e deve ser estudado como tal, levando em consideração variados níveis de análises: individual, interpessoal, intergrupar e social” (HARMES & BLANC, 2000, apud MEGALE, 2005, p.7). A vista disso, os autores apresentam seis dimensões distintas que se fazem necessária para analisar o indivíduo bilíngue, são elas: competência relativa; organização cognitiva; idade de aquisição; presença ou não de indivíduos falantes da L2 no ambiente em questão; status das duas línguas envolvidas e identidade cultural.

As seis dimensões propostas por Harmes e Blanc (2000), nos ajuda a compreender como as concepções multidimensionais levam em consideração elementos oriundos de diversas disciplinas: psicologia, sociolinguística, sociologia e linguística (MEGALE, 2005, p.7). Assim, a classificação de bilíngues em várias dimensões, facilita o entendimento do bilíngue de acordo com as particularidades. Ou seja, nenhum indivíduo terá as mesmas características quanto à forma como adquiriu a segunda língua, a forma como utiliza a língua, entre outras.

Educação bilíngue: Imersão

O modelo de educação bilíngue que iremos trabalhar é o de imersão descrito por Harmers e Blanc (2000). Segundo os autores, este modelo constitui na imersão da criança em um ambiente escolar no qual toda ou grande parte da instrução escolar se dá através da L2. Porém, a L1 não é ignorada, ela será introduzida no contexto escolar gradativamente até tornar-se um segundo meio de instrução. Os autores explicam que os programas de imersão estão baseados em duas hipóteses. Uma delas nos diz que a L2 é aprendida de modo equivalente ao aprendizado da L1, já a outra hipótese é a de que a L2, por já ter uma base da L1, será adquirida de com mais eficácia em um ambiente estimulante, onde a criança é exposta de forma guiada a L2.

Segundo Harmers e Blanc (2000), há três tipos de imersão. A *Imersão Inicial Total* determina que na educação infantil toda a instrução dada deve ser realizada na L2, para que as crianças sejam alfabetizadas nessa língua. A partir daí a L1 é inserida gradativamente até que o tempo destinado à instrução na L2 seja equivalente ao tempo destinado a L1. Em seguida temos a *Imersão Inicial Parcial*, no qual L1 e L2 são utilizadas como meio de instrução desde o início da vida escolar. Nesse modelo de imersão, o uso respectivo das línguas varia de programa para programa. E por último temos a *Imersão Tardia*, que se destina aos alunos do Ensino Médio que só tiveram contato com a LE e pretendem adquiri-la como L2. No primeiro ano do Ensino Médio, 85% das aulas são ministradas na L2 e durante os anos seguintes, o aluno pode escolher e frequentar 40% das aulas ministradas na L2.

Visto isso, podemos afirmar que o objetivo do modelo de imersão é promover o máximo de exposição possível das crianças à SL, para que elas possam fazer a assimilação natural do idioma, uma vez que, segundo Krashen (1997), assimilar L2 implica o desenvolvimento das quatro habilidades comunicativas – compreensão auditiva, expressão oral, leitura e escrita – em situações reais de comunicação, fruto de convívio humano em

ambientes autênticos aos da cultura estrangeira. Desta forma, a escola tenta recriar um ambiente de falantes da língua-alvo.

Modelo do Monitor de Krashen

Em meados da década de 80, o linguista americano Stephen Krashen, trouxe ao ensino de línguas contribuições muito significativas, que influenciam nas pesquisas sobre aquisição/aprendizagem de segunda língua até hoje. As contribuições de Krashen apresentaram uma nova forma de pensar a interiorização de uma língua. Iremos usar como base da pesquisa o seu modelo teórico, conhecido como Modelo do Monitor, uma vez que ele é a que melhor define e elabora o estudo de aquisição da língua. Vale ressaltar que são escassos os estudos que propõe fazer um paralelo entre essa teoria e a prática em sala de aula.

O modelo do monitor de Krashen nos apresenta cinco hipóteses: A hipótese da distinção entre Aquisição e Aprendizagem; A hipótese da ordem natural; A hipótese do input; A hipótese do monitor; A hipótese do filtro afetivo. Através dessas hipóteses é possível pensar a melhor maneira de se promover a educação bilíngue. Iremos destacar duas hipóteses deste modelo que, em conjunto com ao modelo de imersão de Harmer e Blanc (2000), nos ajuda a entender qual a forma mais eficaz de promover a aquisição de uma língua.

Primeiro falaremos sobre a hipótese do *Input*, o input é a base da teoria de Krashen e apoia-se principalmente na observação do processo de aquisição. Segundo o autor a aquisição de uma segunda língua só ira acontecer se o individuo estiver exposto a amostras da língua alvo que estejam um pouco além do seu grau atual de competência linguística (*input*). Isto quer dizer que, segundo esta hipótese, a aquisição da língua ocorre de forma gradual.

Portanto a competência atual do individuo é definida como i , e o *input* a ser oferecido deverá conter elementos linguísticas que estejam um pouco acima do estágio em que se encontra o individuo, $i + 1$. O crescimento linguístico do individuo irá se constituir através da compreensão destas novas estruturas e regras gramaticas, assim como do vocabulário desconhecido. E todo esse novo conhecimento é compreendido através do contexto, das informações extralinguísticas, do conhecimento de mundo e do conhecimento linguístico adquirido anteriormente.

De acordo com Krashen (1985:2) a hipótese do *input* origina duas importantes afirmações:

a) a fala é resultado da aquisição e não a sua causa e, portanto, não pode ser ensinada diretamente, mas “emerge” como resultado da competência construída via insumo compreensível;

b) se o insumo é compreendido e suficiente, a gramática necessária é automaticamente fornecida.

O filtro afetivo é a segunda hipótese que nos ajudara a guiar esse estudo, segundo Krashen (1985) “é um bloqueio mental que impede os indivíduos de utilizarem totalmente o input compreensível que eles recebem para a aquisição da língua”, em sua teoria o autor dá grande importância a essa hipótese, pois, para ele, esses fatores estão diretamente relacionados tanto ao processo de aquisição/aprendizagem de uma segunda língua quanto aos resultados obtidos ao longo e ao final desse processo. Esses fatores são externos ao processo de aquisição, são condições emocionais e atitudinais como motivação intrínseca, ansiedade e autoconfiança que podem contribuir ou dificultar a aquisição.

Para o linguista, nem todo *input* alcança a aquisição devido à existência do que ele chama de “filtro afetivo” definido como “o bloqueio mental que impede os aprendizes de utilizar completamente o input compreensível recebido para a aquisição da linguagem” (Krashen 1985:3). Dessa maneira, apenas a exposição ao *input* não é suficiente, se a motivação do indivíduo está baixa, ele se sente ansioso, irritado e com baixa autoconfiança. Nesse contexto, o indivíduo apresenta o filtro afetivo alto, e a aquisição não será eficaz, ainda que exposto intensamente à língua estrangeira, não atingirá um nível linguístico semelhante ao de um falante nativo.

Por outro lado, o filtro afetivo estará baixo e a aquisição será facilitada se houver condições psicológicas, ou seja, quando os indivíduos não se preocupam com a possibilidade de insucesso na aquisição da língua, quando estão motivados, apresentando baixa ansiedade e autoconfiança elevada. Assim vemos que é necessário que o indivíduo esteja afetivamente predisposto a receber o *input*.

A condição ideal para o processo de aquisição acontecer de modo eficaz é, segundo o autor, a existência de um filtro afetivo baixo, que faz com que o indivíduo permaneça tão envolvido na mensagem que temporariamente esquece que está ouvindo ou lendo outra língua. Para o autor, a hipótese do filtro afetivo ajuda a esclarecer a existência das diferenças individuais de aprendizagem, principalmente entre crianças e adultos. O autor afirma que, mesmo que exista desde a infância, o filtro afetivo ganha força durante a puberdade e nunca mais atingirá um nível muito baixo novamente.

Krashen conclui que, tanto em segunda língua, quanto em língua materna, a aquisição é mais importante que aprendizagem, e que as duas condições essenciais para aquisição são:

- a) Exposição suficiente a input compreensível, contendo $i + 1$, isto é, estruturas um grau além do nível atual;
- b) Uma situação psicológica favorável, um baixo filtro afetivo que permita a assimilação do input compreendido.

Considerações finais

A procura dos pais pela educação bilíngue já nos mostra como a sociedade está em busca de maior qualidade para o ensino de suas crianças e, diante dessa realidade, reconhecemos que tanto a escola quanto o professor não podem se limitar a ensinar às crianças o idioma, mas sim fazer com que essas crianças sejam capazes de adquirir o idioma de uma forma natural, prazerosa e significativa, internalizando também aspectos importantes da cultura desse idioma.

A finalidade da pesquisa é contribuir para um melhor entendimento de como se dá educação bilíngue, tanto para os professores, quanto para os pais que buscam esse tipo de educação para seus filhos. Entender como ocorre todo o processo de aquisição da língua, quais métodos são mais eficazes ajuda o professor a otimizar suas aulas e, também, ajuda o pai interessado a por sua criança numa escola bilíngue a entender o que ele deve procurar em uma escola bilíngue.

Notamos, contudo, que o estudo sobre segunda língua e principalmente sobre o bilinguismo, tem um longo trajeto a percorrer, tanto que encontramos dificuldades em achar estudos sobre bilinguismo que abordam uma segunda língua “de elite”, principalmente em nosso país, no qual os estudos sobre bilinguismo são acerca do bilinguismo para indígenas e surdos. Assim, torna-se indispensável que pesquisas que abordem esse tema tenham continuidade.

Referências

- BALBONI, P. E. **Didattica dell'italiano a stranieri**. Roma: Bonacci Editore, 1995.
BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt. 1933.
ELLIS, R. **Understanding second language acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
EUBANK, L.; GREGG, K. Critical period and second language acquisition: *dived et impera*. In: BIRDSONG, D (Ed). **Second Language Acquisition and the Critical Period Hypothesis**. Mahawah, NJ: Erlbaum, 1999. P. 65-99.

- KRASHEN, S. (1985). **The Input Hypothesis: issues and implications**. 4.ed. New York, Longman
- LE BOULCH, Jean. **O Desenvolvimento Psicomotor**, Do Nascimento até 06 anos, A psicocinética na idade pré-escolar. 7 Ed. Artimed
- LENNEBERG, E. **Biological foundations of language**. New Tork: John Wiley, 1967.
- MAHER, T.M. **Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural**. IN: CAVALCANTI, M.C.; BORTONI-
- PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- RICARDO, S.M. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2007. p. 66-94
- SPINASSÉ, Karen Pupp. Os conceitos de língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil. In: **Revista contingência**, V. 1, N. 1, Nov. 2006, p.01-10.
- WALLOW, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1995
- VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.